



## ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR

Vol. XV (2014)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

---

### *As Filipinas nos séculos XVI e XVII: governo do entreposto e relações com os territórios da Ásia. Introdução.*

Elsa Penalva 

---

#### Como Citar | How to Cite

Penalva, Elsa. 2014. «As Filipinas nos séculos XVI e XVII: governo do entreposto e relações com os territórios da Ásia. Introdução». *Anais de História de Além-Mar* XV: 9-16.

<https://doi.org/10.57759/aham2014.36945>.

#### Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores

Av.ª de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal

<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

#### Copyright

© O(s) Autor(es), 2014. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2014. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).

The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

**As Filipinas nos séculos XVI e XVII: governo  
do entreposto e relações com os territórios da Ásia**

The Philippines in the sixteenth and seventeenth centuries:  
governance of the entrepot and affairs with Asian territories

---

Coord.

Elsa Penalva  
CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa,  
Universidade dos Açores

Juan Gil  
Universidad de Sevilla

## Introdução

As Filipinas encontram-se marcadas por um cosmopolitismo resultante da sua localização na Ásia Oriental<sup>1</sup> – favorável à sua incorporação em diversas redes mercantis paralelas –, e do descobrimento por parte de Andrés de Urdaneta e de Miguel López de Legazpi da rota de retorno a *Nueva España* em 1565, que passou a unir a «costa da China» a Acapulco<sup>2</sup>. Próximas de Java, Bornéu, Molucas, Nova Guiné<sup>3</sup>, mas também das províncias chinesas do Fukien e do Guangdong, Formosa-Taiwan, Coreia e do Japão, tornaram-se duas décadas mais tarde, por intermédio da cidade de Manila (fundada em 3 de Junho de 1571)<sup>4</sup>, num entreposto à escala global. O facto de Manila continuar a ser designada na documentação de finais de Quinhentos como *Luzón* – topónimo que remete para o período pré-hispânico de que dá conta Tomé Pires na *Suma Oriental* no texto intitulado «ilhas dos luções»<sup>5</sup> –, é expressivo da integração consolidada do arquipélago nos circuitos mercantis asiáticos, a partir dos seus naturais –«casi todos mercaderes»<sup>6</sup>– cujas relações comerciais com a China remontadas à dinastia Sung com o tratado comercial *Chu Fan Chih* de Chao Ju-Kua<sup>7</sup>, se encontram referidas nos Anais Ming<sup>8</sup>.

- 
- 1 Manel OLLÉ, *La empresa de China; de la Armada Invencible al Galeon de Manila*, Alcantilado, 2002, p. 34; Denys LOMBARD, «L'Eurasie à la veille du "moment" iberique», *Illes i Imperis. Estudis d'història de les societats en el món colonial i post-colonial* 1, 1998, pp. 11–20.
  - 2 Manel OLLÉ, *La invención de china, percepciones y estrategias filipinas respecto a China durante el siglo XVI*, p. 82. *South China and Maritime Asia*, Vol. 9. Weasbaden, Harrassowitz Verlag, 2000.
  - 3 M. OLLÉ, op. cit., 2002, p. 86.
  - 4 J. GIL, *Los chinos en Manila. Siglos XVI y XVII*, Lisboa, Centro Científico e Cultural de Macau, 2011, p. 23.
  - 5 Tomé PIRES, *A Suma Oriental de [...] e o Livro de Francisco Rodrigues*, Coimbra Imprensa da Universidade [ed. Armando Cortesão], 1978, pp. 376–7.
  - 6 Carta de Martin de Rada ao vice-rei do México, 8 de Julho de 1569, HPAF, 1978, XIV, p. 25, citado em segunda mão a partir de Paulo PINTO, *No Extremo da Redonda Esfera, Relações Luso-Castelhanas na Ásia, 1565–1640 Um Ensaio sobre Impérios Ibéricos*, tese de doutoramento, Universidade Católica, 2010, p. 247.
  - 7 J. GIL, op. cit., p. 19.
  - 8 Paulo PINTO, *No Extremo da Redonda Esfera – Relações Luso-Castelhanas na Ásia, 1565-1640 – Um Ensaio sobre os impérios ibéricos*, tese de doutoramento em Ciências Históricas, policopiada, [Lisboa], Universidade Católica Portuguesa, 2010, p. 247.

Foi decorrente da sua localização geográfica que as Filipinas, designadas também nas fontes castelhanas por «islas del Poniente», atraíram emigrantes chineses<sup>9</sup> e japoneses, interessados nas oportunidades geradas pelo galeão de Manila, e sobretudo, pela prata mexicana, levando a que em 1572, «ficasse estabelecido em definitivo o tráfico comercial entre a China e as Filipinas»<sup>10</sup> e que em finais do século XVI se impusesse a estratégia comercial à colonial e missionária<sup>11</sup>. Um cosmopolitismo a que não foram alheios os «juncos de China»<sup>12</sup> provenientes do sultanato islâmico do Brunei – que actuava como centro de redistribuição e difusão de produtos chineses<sup>13</sup>, em particular na ilha de Bohol –, e os portugueses chegados por via de Sevilha e de Acapulco, ou nascidos e estabelecidos em Macau, Goa, Cochim, Chaul, Malaca, Molucas<sup>14</sup>, Japão, Cambodja, Cochinchina, Macaçar, para apenas referir alguns espaços geográficos de influência e integração portuguesa na Ásia. Mercadores portugueses, em particular mestiços luso-asiáticos, que integravam redes mercantis multiculturais e miscegenadas<sup>15</sup>, alguns dos quais, «cabeças»<sup>16</sup> de «parentelas»<sup>17</sup>, «famílias empresa», (*gongsi*)<sup>18</sup>, cujo centro era Macau<sup>19</sup>. Uma centralidade construída com base na eficácia da parceria entre mercadores,

9 Pese embora o facto da presença chinesa ser anterior: «A la llegada de la armada de Legazpi a Luzón (16 de mayo de 1571), ya vivían en Manila 40 chinos con sus mujeres e hijos, todos ellos venidos del Japón...», J. GIL, op. cit., p. 19, sobre esta questão veja-se ainda p. 22.

10 J. GIL, op. cit., p. 35.

11 M. OLLÉ, op. cit., 2002, p. 151; J. GIL, op. cit., p. 50.

12 M. OLLÉ, op. cit., 2002, p. 37. Sobre a presença chinesa nas Filipinas e a percepção que da mesma tinham os castelhanos no século XVI, escreve Juan Gil: «los propios españoles tuvieron siempre conciencia de que, antes de su llegada, solía ir a Luzón un navio o dos de China para vender a los naturales “loza basta y saumerios de palos y yerva, hierro y otras menudencias de poca inportancia”.» A propósito do que acrescenta: «Los contactos, desde luego, remontan a tiempo muy anterior: las naves chinas navegaron al archipiélago filipino al menos desde la dinastía Sung, como atestigua un tratado comercial, el *Chu Fan Chih* de Chao Ju-Kua.» J. GIL, op. cit., p. 19.

13 Roderich PТАК, «The Northern Trade Route to the Spice Islands: South China Sea – Sulu Zone – North Moluccas (14<sup>th</sup> to early 16<sup>th</sup> Century)», *Archipel* 43, 1992, pp. 27–56, M. OLLÉ, op. cit., 2002, p. 93, Paulo Pinto, *No Extremo da Redonda Esfera, Relações Luso-Castelhanas na Ásia, 1565-1640 Um Ensaio sobre Impérios Ibéricos*, p. 246.

14 Cerca de 1562 os portugueses enviaram a partir de Ternate, uma expedição a Bohol com o objectivo de «contratar con los naturales», significativo de que, segundo Miguel Rodrigues Lourenço, «beneficiavam de um conhecimento suficientemente seguro sobre a navegação nos mares interiores das Filipinas meridionais e sobre particularismos das povoações locais para poderem executar temerariamente uma operação de rapina como a que descreve [Fernando] Riquel, ARCHIVO GENERAL DE INDIAS [AGI], *Patronato*, 23, R.17, fls. 14–14v, Miguel Rodrigues Lourenço, Boletim n.º 1, Centro Científico e Cultural de Macau, 2005, p. 6.

15 Sobre este conceito aplicado a Macau, veja-se Luís Filipe BARRETO, *Macau: Poder e Saber (Séculos XVI e XVII)*, Lisboa, Presença, 2006, pp. 68–91.

16 Elsa PENALVA, «Mercadores, Jesuítas e Jurubaças em Macau (1600–1627)», in Luís Filipe Barreto (ed.) *Macau: Past and Present*, Centro Científico e Cultural de Macau, Lisboa, 2014, p. 154.

17 E. PENALVA, op. cit., p. 154.

18 M. OLLÉ, op. cit., 2000, pp. 21–2.

19 E. PENALVA, op. cit.

jesuítas e naturais da China, Japão e da Coreia (designados em Macau como *jurubaças*<sup>20</sup>), assente em «famílias empresa» (*gongsi*) ou «parentelas» sino-luso-nipónicas<sup>21</sup> actuantes no triângulo Macau-Nagasáqui-Manila, mas também, nos eixos Cambodja-Manila, Cochinchina-Manila e Macaçar-Manila, surgidos a partir de «colonia<s> de Macao»<sup>22</sup>, em resultado da parceria entre mercadores e jesuítas, pedra basilar das redes de sustentação e sobrevivência da presença portuguesa na Ásia, testada primeiro na Cidade do Nome de Deus do Povo na China e posteriormente no Sião, Cambodja, Conchichina e Macaçar. Um modelo de actuação adoptado pelos castelhanos a partir de 1582 (talvez mesmo antes), através da sua associação a «parentelas» pré-existent, multiculturais e miscegenadas, interessadas no fortalecimento da articulação do eixo Macau-Nagasáqui-Manila, em concorrência com as elites mercantis de Macau – de igual modo multiculturais e miscegenadas – com acesso ao poder, contrárias à existência de um ou mais circuitos privados, paralelos aos canais oficiais da diplomacia económica, tutelado pela parceria composta por mercadores de origem portuguesa (entre os quais se encontravam luso-asiáticos), europeia, asiática e jesuíta. Percebe-se, portanto, uma continuidade por parte dos castelhanos, na escolha de parceiros chineses e japoneses – investidores e interlocutores privilegiados pelo domínio das línguas e dos dialectos, com redes de contactos próprias e conhecimento do terreno, mas também pelas suas capacidades de intermediação – na exploração concertada dos mercados asiáticos nomeadamente da Ásia Oriental. Um comportamento sociológico que, no caso português, tinha por matriz a «família-empresa» (*gongsi*) que, pelo facto de permitir a associação concertada de «grupos dispersos»<sup>23</sup> nas cidades mercantis asiáticas, estabelecendo «relaciones de simbiosis y confianza que reducían costes en el proceso mercantil y hacían factible un comercio marítimo a gran escala»<sup>24</sup>, perdurou no Índico e nos Mares da China e do Japão até meados do século XVII, sendo adoptado pelos neerlandeses<sup>25</sup>.

É neste âmbito que se tornam interessantes informações sobre chineses, como o funcionário que em «Liampo» aquando da primeira embaixada

---

20 *Idem, ibidem*.

21 Sobre a composição das parcerias actuantes na Ásia Oriental associadas a Macau no século XVI, veja-se Luís Filipe BARRETO, *Macau: Poder e Saber, Séculos XVI e XVII*, Presença, p. 135, E. PENALVA, op. cit., pp. 93–177.

22 Archivum Romanum Societatis IESU [ARSI], Jap-Sin 71, Gaspar Luís, S. J., «Ânnua de Cochinchina do anno de 1634», fl. 108v.

23 M. OLLÉ, op. cit., 2000, p. 21.

24 *Idem, ibidem*, p. 22.

25 Abordaremos esta questão no nosso trabalho, «Paradigmas de actuação de mercadores portugueses na articulação do eixo Macau-Manila-Nueva España (1582–1680): os casos de Bartolomeu Vaz Landeiro, Gaspar Mendes, António Fialho Ferreira, Francisco Vieira de Figueiredo e de António Soares de Oliveira».

filipina a Macau, sabia falar «algo de tagalo»<sup>26</sup> e que por essa razão pôde comunicar com os luções que integravam a comitiva, e Sanco «que havia estado com mercadorias muitas vezes em Manila e entendía a sua língua»<sup>27</sup>. Sanco e Siguan, à chegada a Manila, don Francisco Sanco e don Tomás Siguan após o seu baptismo e integração na sociedade *manileña*<sup>28</sup>, ou japoneses como Luís de Melo<sup>29</sup>, «parente» de um mercador seu homónimo<sup>30</sup>, residente em Macau em 1591<sup>31</sup>, muito possivelmente, familiar do capitão-mor da viagem do Japão, a quem Juan Gil o associou – «sin duda en recuerdo del capitán mayor Roque de Melo Pereira»<sup>32</sup>.

Juan Gil, que nos concedeu a honra de coordenar connosco a presente edição dos *Anais de História de Além-Mar*, associada ao projecto do CHAM sobre a presença portuguesa nas Filipinas<sup>33</sup>, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, de que foi consultor, autor de obras incontornáveis sobre as Filipinas e sobre as relações hispano-nipónicas e hispano-sínicas, constrói o seu discurso sobre a presença chinesa no arquipélago em questão, tomando como premissa o facto de que em 1565 os espanhóis se fizeram passar por chineses ao contactarem a população das ilhas fronteiras a Cebú<sup>34</sup>. Sublinha desta forma a importância da China na economia asiática e global, e dos seus naturais como parceiros (prática socio-cultural na experiência portuguesa remontada a 1509–1511 a partir da cidade de Malaca<sup>35</sup>), da mesma forma que introduz a problemática das relações luso-castelhanas a partir do arquipélago Filipino e de Macau – cidade fronteira da China Continental –, com a informação de que «Los primeros que dieron a los españoles noticias fehacientes sobre China fueron los portugueses...»<sup>36</sup>, e que foi Gonçalo Pereira Marramaque que comandou os portugueses que quiseram expulsar Miguel López de Legazpi de Cebú<sup>37</sup>. Posiciona as Filipinas face à China, às Molucas e a Malaca, mas também a Macau, convocando desde

---

26 M. OLLÉ, op. cit., 2000, p. 99.

27 J. GIL, op. cit., p. 26.

28 *Idem, ibidem*, p. 29.

29 *Idem, ibidem*, p. 101, 439–43.

30 E. PENALVA, op. cit., p. 125.

31 AGI, *Escribanía*, 403 A, fl. 55.

32 J. GIL, *Hidalgos y samurais, España y Japón en los siglos XVI y XVII*, Alianza Editorial, 1991, p. 101.

33 PTDC/HIS-HIS/114992/2009 «Prosopografia das Comunidades Lusófonas residentes e de passagem nas Filipinas (1582-1654)». Coordenámos este projecto entre Janeiro de 2011 e Junho de 2014.

34 J. GIL, op. cit., 2011, p. 19.

35 L. F. BARRETO, op. cit., p. 49.

36 J. GIL, op. cit., 2011, p. 21.

37 *Idem, ibidem*, p. 21.

logo a problemática da ambivalente relação entre os dois espaços de influência e integração portuguesa e castelhana na Ásia Oriental, pautada por fases de cooperação ou de conflito, mas, de igual modo, o comércio à escala global – «Los Chinas que llevaban las mercancías más preciadas a Malaca, hicieron grandes promesas a los españoles.»<sup>38</sup> –, não sem antes referir o que vaticinara Juan Pablo Carrión pouco depois «*del asentamiento*» de Miguel López de Legazpi no arquipélago<sup>39</sup>. É ainda Juan Gil que, abordando as Filipinas na sua relação com a China e o Japão, chama a atenção para a adopção pelos castelhanos do «derecho de anclage»<sup>40</sup> praticado pelos chineses em Macau e da «pancada»<sup>41</sup> no Japão. Posiciona a inscrição da presença hispana na Ásia Oriental face à portuguesa, precedente, na qual a asiaticização<sup>42</sup> dos seus agentes, privados na sua grande maioria, foi imperativa, chamando a atenção para a adopção de dois modelos económicos asiáticos no arquipélago filipino – porta de acesso à América e à *Nueva España* contornada por privados a partir de Macau, Japão, do Perú e do Panamá<sup>43</sup> –, sob dominação espanhola.

Campo fértil para a construção de uma *World History* as Filipinas foram abordadas nos estudos que se seguem a partir de diferentes temáticas, perspectivas e metodologias, entre os séculos XVI e XVIII. São dez os autores que promovem o diálogo historiográfico internacional neste número dos *Anais de História de Além-Mar*. Patricio Hidalgo de Nuchera com um estudo sobre a embaixada de Juan Pablo Carrión à Corte em 1558 e o conhecimento que à data se tinha sobre a «viaje y tornaviaje a las islas del Poniente», Manuel Fernandez Chavez e Rafael Pérez Garcia abordam as Filipinas nas estratégias das elites Sevilhanas entre os séculos XVI e XVIII, a partir do caso do governador das Filipinas Francisco Tello de Guzmán; Paulo Jorge de Sousa Pinto, a relação entre Macau e Manila e respectivas estratégias de adaptação no período Ming-Qing e impacto das comunidades chinesas ultramarinas no Mar da China Meridional; Miguel Rodrigues Lourenço problematiza a questão da fronteira entre as inquisições do México e de Goa nos séculos XVI e XVII, Juan Gil um estudo sobre os japoneses que habitavam *Luzon* no século XVII; Ana Ruiz Gutiérrez dá a conhecer o inventário dos bens do governador das Filipinas D. Diego de Salsedo; Alexandre Coello de la Rosa,

38 *Idem, ibidem*, p. 24.

39 «Provecho ninguno se puede esperar de aquellas islas, mientras no se comunicaren en contratación con la China [...] Si Su Magestad quiere conseguir grandísimos aprovechamientos para su real Corona, es necesario ir a la costa de China porque lo demás de aquellas islas es cosa de muy poco fundamento.», *Patronato*, 263, 1 1, fl. 2r, J. GIL, op. cit., 2011, p. 20.

40 J. GIL, op. cit., 2011, p. 53.

41 *Idem, ibidem*, p. 55.

42 L. F. BARRETO, op. cit., p. 144.

43 AGI, *Escribanía*, 403 A, fl. 44v.

a missão jesuíta nas ilhas Marianas; Rui Manuel Loureiro aborda as Filipinas no *Giro del Mondo* de Gemelli Careri; Marlon James Sales, o tema da tradução com base em histórias de missão e gramáticas de Tagalog, e Paulina Machuca, a chegada de plantas americanas às Filipinas entre os séculos XVI e XVIII.

**Elsa Penalva**

CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores